

A ñ
é ß

STARTER STORY · PORTUGUESE · C1

O Azulejo em Falta

O Azulejo em Falta

Rosa Salgado herdara do pai, para além da oficina e dos pincéis gastos, uma frase que ele repetia sempre que alguém lhe pedia para copiar um azulejo antigo: «um remendo bem feito não se esconde, respeita-se». Ela só veio a compreender bem o que isso queria dizer com a encomenda do convento de Santa Clara.

O convento tinha um claustro do século dezassete, forrado de azulejos azuis e brancos que contavam, painel a painel, a vida de um santo local hoje quase esquecido. Numa tarde de tempestade, um ramo caído partira um único azulejo, ao nível dos olhos, mesmo no meio da cena principal.

A madre superiora explicou o pedido com uma delicadeza que escondia mal a urgência: queria o azulejo substituído antes das celebrações do padroeiro, em maio. Mostrou a Rosa o buraco na parede, um quadrado exato de vazio azul e branco, e o fragmento partido, guardado numa caixa de veludo como uma relíquia menor.

Rosa estudou o painel durante três dias antes de tocar num pincel. Fotografou, mediu, comparou tonalidades. O azul de cobalto original tinha desbotado de forma irregular ao longo de trezentos anos, mais claro onde o sol batia de tarde, mais escuro nos cantos protegidos pela sombra do arco.

O verdadeiro problema, explicou a uma aprendiz que a ajudava, não era pintar bem. Era pintar mal da maneira certa: reproduzir o desgaste, as fendas finas do esmalte antigo, sem que o resultado parecesse uma imitação nem, pior ainda, uma mentira demasiado convincente.

Havia duas escolas de pensamento, e Rosa conhecia-as bem porque o pai discutira as duas a vida inteira. Uns diziam que o azulejo novo devia distinguir-se do resto, com uma marca pequena e discreta, para que ninguém confundisse restauro com falsificação.

Outros defendiam o oposto: que a integridade do painel importava mais do que a honestidade do restaurador, e que uma cena religiosa não devia ficar com uma cicatriz visível só para tranquilizar a consciência de quem a reparava. O pai de Rosa pertencia a este segundo grupo. Rosa já não tinha tanta certeza.

Enquanto misturava os esmaltes, Rosa reparou em algo que ninguém, ao que parecia, tinha notado antes. Na cena original, o santo aparecia rodeado de aldeões, todos virados para ele, exceto uma figura pequena, ao fundo, de costas, olhando para fora do painel, na direção exata do azulejo partido.

Consultou desenhos preparatórios guardados no arquivo diocesano, feitos pelo pintor original em 1704. Na versão do desenho, essa figura de costas segurava algo na mão, um objeto pequeno demais para identificar com certeza. No azulejo final, a mão estava vazia.

O arquivista, um homem idoso que conhecia a história do convento melhor do que conhecia a própria família, sugeriu uma explicação sem grande convicção: talvez o pintor tivesse mudado de ideias a meio da obra, ou talvez faltasse simplesmente esmalte da cor certa naquele dia de 1704.

Rosa preferiu não decidir entre as duas hipóteses. Havia qualquer coisa reconfortante, pensou, na ideia de que mesmo um mestre antigo, com trezentos anos de reputação pela frente, também tinha tido dias em que faltava algo e era preciso continuar na mesma.

Trabalhou o novo azulejo ao longo de duas semanas, cozendo-o três vezes até acertar o tom de azul. À noite, sozinha na oficina, pensava no pai, que morrera há dois anos sem terminar o último painel que lhe tinham encomendado, uma capela em Aveiro que ainda tinha, algures, um espaço por preencher.

Numa dessas noites, a aprendiz perguntou-lhe se doía continuar o ofício do pai sem ele por perto para aprovar o trabalho. Rosa respondeu que doía menos do que se pensaria, e mais do que conseguia explicar, e que era talvez por isso que continuava a fazê-lo.

Quando o azulejo saiu do forno pela última vez, o azul estava quase certo, mas não perfeito, e Rosa decidiu que assim ficaria. Pintou a figura de costas exatamente como no desenho de 1704, com o objeto pequeno na mão que o pintor original apagara.

Foi uma escolha deliberada e, para alguns, discutível: Rosa não estava a copiar o azulejo que existira, mas o azulejo que talvez devesse ter existido. Colocou, no canto inferior, tão pequena que só um restaurador futuro a encontraria, as suas iniciais e o ano.

A madre superiora, ao ver o azulejo colocado na parede, não notou a diferença na figura de costas, nem a marca escondida. Disse apenas que ficara lindo, que parecia ter estado ali sempre, e agradeceu a Rosa com um envelope e um aperto de mão firme.

Rosa ficou sozinha no claustro depois de todos saírem, a olhar para o painel completo pela primeira vez em trezentos anos. Reparou que, de longe, ninguém notaria o azulejo novo. De perto, um olhar atento veria a diferença mínima de tom, o traço quase certo mas não exato.

Pensou no pai, e na capela de Aveiro por terminar, e perguntou-se se algum restaurador, um dia, encontraria também ali um espaço vazio e teria de decidir, sozinho, entre completar a mentira perfeita ou deixar visível, para quem soubesse procurar, o lugar exato onde uma coisa tinha faltado.

Saiu do convento já de noite, com a caixa de veludo vazia debaixo do braço, o fragmento antigo entregue ao arquivo para sempre. No caminho para casa, decidiu que, na semana seguinte, iria finalmente a Aveiro terminar o painel do pai, com a mesma mão que faltava e o mesmo cuidado de deixar ver, nalgum canto pequeno, que também ali tinha estado ela.

OQOU STARTER LIBRARY

This story is from oqou's free starter library, graded at C1 for Portuguese readers.

Read it interactively in the oqou app: tap any word for an instant translation, listen with natural narration, and carry your saved vocabulary into every story you read next.

oqou.app

[Download oqou on the App Store](#)

oqou •